

OLHARES TRANSVIADOS EM CENA: A INICIATIVA GOVERNAMENTAL FÍLMICA NO DEBATE SOBRE AS SEXUALIDADES JUNTO AO ESPAÇO ESCOLAR

ARILDA INES MIRANDA RIBEIRO (FCT/UNESP PRESIDENTE PRUDENTE), VAGNER MATIAS DO PRADO (FCT/UNESP BOLSISTA FAPESP).

Resumo

Ao não considerarmos a sexualidade a partir do ponto de vista biológico e compartilhando reflexões acerca de sua constituição histórico-cultural em um Programa de Pós-Graduação em Educação, pretendemos refletir sobre a construção das representações sobre as sexualidades não heterossexuais, fornecendo subsídios teóricos para que professoras e professores desestabilizem a “ordem natural” pela qual as identidades sexuais vêm sendo excluídas. A omissão que se faz presente no discurso da diversidade sexual acaba reafirmando as identidades sexuais referentes aos padrões de gênero dos sujeitos. Em muitos casos, os portões e muros da escola tentam exercer a função de um “filtro social” em relação à diferença gerando a evasão do educando da escola, afinal, o “patinho feio” deve abandonar sua família e procurar seu lugar no mundo. Adotando como objeto de estudo as diferentes configurações do desejo afetivo-erótico-sexual dos sujeitos, nos propomos a analisar o vídeo “Pra que time ele joga” do Ministério da Saúde do Governo Brasileiro em 2002. Esse vídeo constitui-se em um dos poucos materiais audiovisuais governamentais elaborados na tentativa de promover a aproximação do debate sobre as sexualidades junto ao espaço escolar. Compartilhando de pressupostos das teorias pós-estruturalistas e queer, procuramos analisar as emoções e representações que a exibição do vídeo suscita em educandos e educadores. A representação da homossexualidade visibilizada pelo material, bem como a postura da escola e da família retratados no vídeo possibilita alguns resultados alcançados na pesquisa: primeira tentativa imagética de aproximação de tal temática junto à escola se configura por uma leitura “politicamente correta” da homossexualidade, uma vez que o sujeito protagonista do vídeo não questiona os padrões sociais de gênero, não adotando uma postura “efeminada” devido a sua orientação sexual. Outros aspectos analisados no material apontam para a necessidade da criticidade estudantil e no embricamento da gestão educacional/docência e família.

Palavras-chave:

Educação Sexual na Escola, Leitura Fílmica na Escola , Materiais Audiovisuais Didáticos sobre Diversidade Sexual.

Apoio: FAPESP - Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo

Introdução

O trabalho ora apresentado faz parte de uma pesquisa sobre Sexualidades e Formação de Professores, junto à linha de pesquisa “Processos Formativos, Diferença e Valores” incluída junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Ciências e Tecnologia da UNESP, campus de Presidente Prudente - SP (FCT/UNESP). Adotamos como objeto de estudo as diferentes possibilidades de configuração do desejo afetivo, erótico e sexual dos sujeitos, através da análise do material audiovisual, confeccionado por iniciativa governamental, intitulado: “*Pra que time ele joga?*”.

A investigação está fundamentada nos pressupostos pós-estruturalistas e do potencial problematizador instigado pela Teoria Queer. Analisamos emoções e representações que a exibição do vídeo suscitou em um grupo de graduandos/as em Pedagogia da FCT/ UNESP, durante o ano de 2008 (FOUCAULT, 1980; LOURO, 2004; MISKOLCI & SIMOES, 2007).

Metodologicamente adotamos a postura de nos fundamentarmos através de uma construção textual crítica sobre o material exibido, e após uma discussão gerada com base em textos e artigos que versam sobre o assunto, os/as estudantes puderam se posicionar em relação ao filme. Nossa propositura era a de obtermos narrativas de emoções, sentimentos e posições acerca da temática das identidades sexuais.

Do que trata o filme / vídeo

A Sexualidade chegou nas escolas pela porta da Aids. Foi à saúde e/ou sua ausência a principal causa da preocupação do Governo Federal Brasileiro pelo desencadeamento de ações estratégicas efetivas que pudessem subsidiar o trabalho de professores e professoras nas temáticas: "gênero" e "sexualidade" na escola. Dentre essas ações, podemos vislumbrar a produção de alguns materiais audiovisuais educativos voltados para essa finalidade.

Contrariando as expectativas, o Ministério da Educação e Cultura (MEC) aparenta não seguir essa "tendência". Mesmo contando com documentos governamentais que preconizam a inserção de trabalhos de educação sexual nas escolas, como os Temas Transversais propostos pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), esse órgão governamental se mostra precário ao se lançar em projetos para a confecção de materiais que viabilizem um trabalho nessa escala. Afinal, como não é desconhecido, a formação profissional para a área da educação, muitas vezes, não possibilita com que os/as estudantes se deparem com temas relacionados ao assunto "sexualidade" durante seus processos de formação profissional, dificultando assim a compreensão da sexualidade como um dispositivo histórico, valorativo e atendente as normatizações sócio-culturais (FOUCAULT, 1980; WEEKS, 2001).

Em uma rápida pesquisa no site do MEC percebe-se que, dentre as produções videográficas que podem ser encontradas em seu acervo, são escassos os materiais que propõem visibilizar a temática da sexualidade como um conteúdo a ser trabalhado nas escolas.

Entretanto, no acervo do Ministério da Saúde, acabamos por encontrar o filme intitulado "*Pra que time ele joga?*" (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2002). Mesmo podendo (e devendo) ser analisado criticamente, esse material acaba por se concretizar em uma ferramenta pedagógica que poderia ser utilizada durante ações educativas escolares. Desta maneira, poderia possibilitar procedimentos pedagógicos que visem desconstruir as identidades sexuais como marcadores "naturais" das sexualidades; repensar pedagogias corretivas; e/ou problematizar as diversas formas de estigmatização, preconceito e violência contra sujeitos LGBTTT[3].

O filme nos conta a história de Pedro, um adolescente que cursa o Ensino Médio e faz parte do time de futebol da escola. Pedro se identifica muito com o futebol, sendo que a habilidade demonstrada por ele nessa modalidade esportiva acaba por dar-lhe o título de "bom" jogador, na

equipe. Entretanto, o adolescente se encontra em um momento de sua vida em que começa a "reconhecer" seu desejo afetivo, erótico e sexual por sujeitos do mesmo gênero. Durante o desenvolvimento do enredo, o material exemplifica algumas formas de violência verbal (ironias e comentários negativos sobre sua sexualidade) que outros/outras adolescentes acabam manifestando contra ele. Em determinado momento da história, seus/suas amigos/as presenciam uma situação onde um possível namorado cobra uma postura de Pedro, para que este reconheça e assuma sua sexualidade em público. Pedro, ao se sentir envergonhado pela situação, foge da escola. Mais tarde, em uma conversa em sua casa, com seu professor de Educação Física, e contando com apoio recebido pelos pais, o adolescente une forças para enfrentar seus/suas amigos/as, retomando seu espaço no ambiente escolar e sua posição no time de futebol da escola.

Dando voz aos estudantes

O material audiovisual especificado foi trabalhado em uma disciplina optativa[4], durante o primeiro semestre do ano de 2008. Ao ser oferecida na modalidade "optativa", a disciplina intitulada "Diversidade Sexual na Escola", não contou necessariamente com a participação de alunos e alunas que cursavam o mesmo período do curso, tão pouco, provindos exclusivamente do curso de Pedagogia.

Após serem discutidas questões teóricas referentes aos conceitos de gênero, sexualidade, orientação sexual e identidades sexuais, os graduandos e graduandas foram convidados a assistir a exibição do filme *"Pra que time ele joga?"* (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2002).

Homossexualidades, preconceito e relações familiares[5]

Muitos dos argumentos críticos apontados em relação ao material consistiram na interpretação de que o filme abordaria a homossexualidade a partir de uma perspectiva "romantizada", "politicamente correta", em relação à "fácil" aceitação da orientação homossexual do protagonista, tanto por parte da família, quanto da escola e dos amigos:

"Esse filme reproduz uma visão um tanto utópica, pois a realidade de quem possui esta orientação sexual não é repleta de 'flores' como é apresentado [...]" (estudante A).

"Acredito que este filme deveria ter sido elaborado de forma mais crítica, abordando o preconceito de uma forma mais real [...]" (estudante B).

Na cena em que Pedro tem sua sexualidade questionada devido à cobrança para assumir seu "suposto" namoro com outro garoto, ele acaba fugindo da escola. Devido à vergonha explicitada por Pedro, em relação a ter que enfrentar os olhares de seus/suas amigos/as, ele não comparece no jogo do campeonato de futebol da escola. Com isso, o professor de Educação Física toma a decisão de ir até a casa do aluno para encorajá-lo a se posicionar perante seus amigos e a escola. Nessa conversa, seus pais, localizados perto da porta do quarto, ouvem quando ele se declara homossexual para o professor. Sem hesitar, adentram ao quarto para uma conversa com o filho. Nessa conversa, os pais de Pedro o encorajam e dizem que sempre estarão ao seu lado. O adolescente, em uma postura

que alia solidariedade e coragem, veste seu uniforme e se dirige ao local do campeonato para finalizar junto aos seus amigos, a partida de futebol.

Nas narrativas de alguns/algumas estudantes, a "fácil" aceitação da família em relação à orientação sexual de Pedro, gera alguns conflitos:

"A fácil aceitação dos pais, é talvez o fato mais comentado [contestado] do filme por não ser comum na vida real [...]" (estudante C).

"A aceitação dos pais do garoto [em relação a sua orientação sexual] foi tranqüila e não preconceituosa, infelizmente isso não é o que acontece; o preconceito em relação à aceitação não é fácil [...]" (estudante D).

"O vídeo mostra muito mais como deveria ser a atitude dos pais, professores e amigos, em vez de explicitar o que de fato ocorre [...]" (estudante E).

Dentre os vários empecilhos e dificuldades sócio-culturais estabelecidos para que um sujeito possa vivenciar suas afetividades e desejos a partir de uma configuração não heterossexualizada, o processo de aceitação, tanto do próprio sujeito quanto de sua família e amigos, não parece ser assim tão "fácil".

Segundo Castañeda (2007) durante o processo de desenvolvimento da identidade homossexual, os/as adolescentes que se reconhecem como tal precisam antes passar por uma espécie de "luto da heterossexualidade". Nesse sentido, eles/elas acabam por renunciar a todo um projeto de vida inscrito sob a ótica heterossexual (casar, constituir família, ter filhos, etc.). Essa renúncia parece ser extremamente lenta e dolorosa, pois, "trata-se de uma perda importante e, como em qualquer perda, há um trabalho de luto a ser feito" (CASTAÑEDA, 2007, p. 91).

Nesse processo o/a adolescente passaria pelas seguintes etapas: pela negação (não é verdade, não estou acreditando); pela raiva (como podem ter feito isso comigo?); pela barganha "mágica" (talvez eu possa fazer algo para evitar); pela depressão (minha vida não tem mais sentido); pela culpabilidade (deveria ter agido de outro modo); e, finalmente, pela aceitação (eu fiz o melhor que pude)[6].

Entretanto, quando paramos para analisar a postura da família em torno dessa sexualidade dissidente que resolve vir à tona, também podemos indagar que ela própria passaria por um processo similar. Desde a mais tenra idade, meninos e meninas são criados e educados em um contexto onde os ensinamentos familiares, os agrupamentos entre pares, as instituições sociais e a educação formal institucionalizada, são pensadas e construídas dentro de um projeto de vida "heterossexualizado".

Segundo Louro (2004), homens e mulheres que não se apresentam dentro do padrão proposto de masculinidade e feminilidade, passam a ser considerados "diferentes" e representados como os "outros", experimentando práticas constantes de discriminação.

Ao mesmo tempo em que o/a jovem homossexual toma conhecimento e se reconhece dentro de uma "outra" configuração da sexualidade resolvendo "sair do armário", a própria família passa por um processo de negação e tentativa de atribuição de culpa, tentando evidenciar em qual o projeto foi

interrompido. Nesse sentido, a aceitação por parte dos familiares, ou muitas vezes, do grupo social a que pertence o/a adolescente, acaba por ser dificultada, devido a necessidade de (re) construção das lentes sociais que, até então, serviam-lhes para compreender o mundo.

Tem-se aí uma das grandes contribuições da Teoria Queer para o estudo e compreensão das sexualidades: implodir a lógica binária e heterossexual que acabam por construir nossas representações, valores e sentimentos em torno de uma sexualidade binária, que nos remete para o sistema sexo-gênero-sexualidade-reprodução.

A representação escolar das diferenças: qual o papel da escola no combate ao preconceito homofóbico?

Outro aspecto que pode ser observado nas "falas" dos/as alunos/as sobre a análise do filme é a relação entre sexualidade e escola.

Mesmo em uma frenética tentativa de selecionar o conhecimento que pode, ou não, ser divulgado no currículo, temas relacionados aos corpos, gêneros e sexualidades, que muitas vezes são considerados inapropriados para serem discutidos na escola, acabam por burlar o controle institucional e a emergir como assuntos de interesse dos/as alunos/as (PRADO & RIBEIRO, 2009).

A escola se constitui em um espaço onde o processo de confronto com as diferenças poderia ser explorado em suas possibilidades formativas. Entretanto, não podemos negligenciar que as diversas instituições sociais são construídas sobre regras, costumes e valores culturais, reconhecidos como "naturais" por determinado grupo (LOURO, 2004). A instituição escolar, por exemplo, é gerida com base nesse sistema de valores, pela qual podemos observar uma tentativa de naturalização de modelos pré-concebidos do bom/boa professor/a, do/a estudante exemplar, dos/das gestores/as ideais, dentre outros.

Partindo desse pressuposto, a escola pode se constituir em um espaço homogeneizador, sexista, e inflexível frente a situações não atendentes a seu modelo disciplinar. Nesse sentido, no caso do/a adolescente LGBTTT, os espaços escolares acabam por serem excludentes, culminando para o afastamento desses alunos e alunas do processo educativo formal e minando-lhes o "direito universal da educação".

"A escola acaba se tornando, um martírio para o adolescente que sente atração pelo mesmo sexo, ele (a), acaba sendo excluído (a) do grupo, o que acaba fazendo com que saia da escola [...]" (estudante F).

A omissão que, em muitos casos, se faz presente no discurso da diversidade sexual acaba reafirmando as identidades sexuais referentes aos padrões de gênero dos sujeitos, sendo que, não raro, os portões e muros da escola tentam exercer a função de um "filtro social" em relação à diferença. Esse fato, aliado a outros, pode contribuir para a evasão do/a educando/a da escola, afinal, o "patinho feio" deve abandonar sua família e procurar seu lugar no mundo[7].

Junqueira (2007, p. 61) relata que nos EUA 28% dos estudantes homossexuais abandonam a escola antes de obter o diploma. Em pesquisa realizada no Brasil pela UNESCO, alguns relatos também fazem referência

ao índice de evasão escolar por parte de alunos homossexuais (ABRAMOVAY et al., 2004, p. 286-287).

As narrativas estudantis apresentadas demonstram que os alunos e alunas não estão alheios aos processos discriminatórios presentes no cotidiano social. Ao mencionarem que o filme não retrata a "realidade", que o espaço escolar é discriminatório, que a homofobia e normatização sexual também podem ser observadas na família, esses/essas estudantes podem acabar por refletir sobre os objetivos de suas futuras intervenções pedagógicas

Considerações Finais

Algumas questões ficam ainda sem resposta nesse trabalho: Se nos valermos das proposições da Teoria Queer, o espaço físico destinado à conversa sobre sexualidade entre uma educadora e os/as estudantes é transitório na instituição, pois ocorre nas escadarias do colégio. Nesse sentido, poderíamos refletir sobre os espaços escolares, ou até mesmo sociais, onde conversas sobre dúvidas, medos, tabus e mitos que envolvem a sexualidade humana, podem ser estabelecidos. Seria o discurso sobre a sexualidade na escola delegado a "espaços subalternos" como, por exemplo, momentos "extracurriculares", intervalos escolares ou a escadaria do colégio? Quando a sexualidade ganha status de conteúdo curricular, a partir de quais pressupostos, conteúdos ou disciplinas ela é apresentada?

Esse único material audiovisual governamental, mesmo que não produzido pelo Ministério da Educação, se mostra repleto de possibilidades para o desenvolvimento de trabalhos pedagógicos que visem o reconhecimento, respeito e cidadania, para com sujeitos LGBTTT, bem como, para propor reflexões sobre representações estereotipadas e cômicas sobre as homossexualidades como, por exemplo, as amplamente divulgadas em programas humorísticos na televisão.

Ao questionar os binarismos existentes entre pares de conceitos que são, culturalmente, compreendidos como contrários, por exemplo, Homem-Mulher, Masculino-Feminino, Heterossexual-Homossexual ou Natureza-Cultura, acaba-se por desestabilizar a ótica normativa que constitui as posições e subordinações de sujeitos.

Nessa perspectiva implode-se a ordem natural com que a sexualidade vem sendo representada. Ao invés de compreendermos a sexualidade como natureza ou destino, passaremos a concebê-la como uma manifestação da subjetividade humana, que foi historicamente construída e culturalmente significada (FOUCAULT, 1980; LOURO, 2004; WEEKS, 2001).

Partindo-se da necessidade da construção de projetos educacionais inclusivos e integradores, é preciso repensar os valores hegemônicos sobre os quais o currículo é construído; é preciso "transver" o mundo a partir de um olhar pluralista e desnaturalizante que transforme a realidade escolar em um ambiente acolhedor, educativo, seguro e humano.

Referências Bibliográficas

ABRAMOVAY, M., CASTRO, M. G., SILVA, L. B. Juventudes e Sexualidade. Brasília: UNESCO Brasil, 2004.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais - Introdução aos Parâmetros Curriculares Nacionais. Brasília: MEC/ SEF, 1998.

_____. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais - Temas Transversais: Orientação Sexual. Brasília: MEC/ SEF, 1998.

CASTAÑEDA, M. A experiência homossexual: explicações e conselhos para os homossexuais, suas famílias e seus terapeutas. São Paulo: A Girafa, 2007.

FOUCAULT, M. História da sexualidade: a vontade do saber. 3ª. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1980.

JUNQUEIRA, R. D. O Reconhecimento da diversidade sexual e a problematização da homofobia no contexto escolar. In: RIBEIRO, P. R. C.; SILVA, M. R. S.; SOUZA, N. G. S.;

GOELLNER, S. V.; SOUZA, J. F. (Org.). Corpo, Gênero e Sexualidade: discutindo práticas educativas. Rio Grande: Editora da FURG, 2007, p. 59-69.

LOURO, G. L. Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista. 7ª. ed. Petrópolis: Vozes, 2004.

MISKOLCI, R. SIMOES, J. A. Quereres. Cadernos Pagú. (28), Campinas, Núcleo de Estudos de gênero Pagu/ Unicamp, 2007.

PRADO, V. M.; RIBEIRO, A. I. M. R. Gêneros, sexualidades e educação física escolar: um início de conversa. Motriz, 2009 [no prelo].

WEEKS, J. O corpo e a sexualidade. In: LOURO, G. L. (Org.). O corpo educado: pedagogias da sexualidade, p. 35-82.

[1] Profa Dra Livre Docente do Programa de Mestrado em Educação da FCT/Unesp, Campus de Presidente Prudente; coordenadora do NUDISE - Núcleo de Diversidade Sexual na Educação (Cnpq); arilda@fct.unesp.br

[2] Mestrando em Educação; membro do NUDISE - Núcleo de Diversidade Sexual na Educação; vmp_ef@yahoo.com.br

[3] Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgêneros

[4] Essa disciplina foi ministrada pela Profa Dra Arilda Inês Miranda Ribeiro e contou com a colaboração do mestrando Vagner Matias do Prado como estagiário de docência depôs-graduação.

[5] As transcrições realizadas respeitaram as grafias e vocabulários utilizados pelos/as estudantes. Com isso, possíveis erros gramaticais e de concordância foram mantidos em uma tentativa de garantir a fidelidade das impressões e representações dos elaboradores desses discursos.

[6] Castañeda ressalta que, embora seja um processo que pode ser evidenciado a partir dos históricos de vida de sujeitos homossexuais, o "luto da heterossexualidade" não nos remete a pensar que todos os sujeitos passariam por essas etapas da mesma maneira. Nesse sentido, adolescentes que se reconhecem homossexuais poderiam inclusive "saltar" algumas etapas, ou até mesmo não completar esse processo, devido as diferentes relações que podem estabelecer, consigo mesmo e com os outros, no desenrolar de suas histórias de vida.

[7] Referente a fábula escrita por Hans Christian Andersen que narra a história de um cisne que nasce em meio a uma família de patos. Seus irmãos e outros membros de sua comunidade (galinheiro) vivem incomodando-o com chacotas, piadinhas e conclusões a respeito de suas "diferenças". O "patinho diferente" abandona o galinheiro e segue rumo a encontrar seu lugar no mundo. Durante sua jornada descobre que não era um pato, mas sim um cisne retornando ao galinheiro para afirmar que sua aparente diferença era uma outra forma de existir e se relacionar com o mundo. Disponível em: http://pt.wikipedia.org/wiki/O_Patinho_Feio